

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DO ALUNO

THE IMPORTANCE OF FAMILY PARTICIPATION IN STUDENTS' SCHOOL LIFE

Quéli Santiago de Souza

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Paraguai

Albanita Ferreira Lima

MUST University, Estados Unidos

Liliane de Araujo Dantas

MUST University, Estados Unidos

Aline de Fátima do Nascimento

Faculdade IMES, Brasil

Deisemar Lagôas Siqueira Targuêta

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/ppjmzy29>

Publicado em: 03.06.2025

Resumo: Este artigo teve como objetivo analisar as modalidades de mobilização parental e suas implicações para o desempenho escolar, com ênfase nas percepções contrastantes entre pais e filhos no contexto da escola pública. O estudo abordou o envolvimento das famílias na vida escolar dos estudantes, considerando fatores como condição socioeconômica, território e repertório cultural. A investigação fundamentou-se em uma pesquisa bibliográfica, sustentada pela análise de produções científicas recentes extraídas de bases reconhecidas, com destaque para a *SciELO*, permitindo uma reflexão crítica sobre o tema a partir de autores relevantes da área da educação. A análise evidenciou que o envolvimento parental ocorre predominantemente no espaço doméstico, enquanto a participação direta nas atividades escolares permanece restrita, especialmente entre famílias com menor capital cultural. Verificou-se também a existência de dissonâncias significativas entre as percepções dos pais e dos filhos quanto ao grau de participação dos responsáveis, com os filhos tendendo a superestimar esse envolvimento. Além disso, constatou-se que a escolha da escola é condicionada por fatores territoriais e informacionais, sendo mais efetiva entre famílias com maior familiaridade com o sistema educacional. A pesquisa concluiu que o envolvimento familiar, embora valorizado, apresenta desigualdades estruturais que afetam sua forma e eficácia, e que a escuta ativa dos diferentes sujeitos pode contribuir para o fortalecimento da relação escola-família.

Palavras-chave: Desigualdade; Família; Desempenho Escolar; Percepção; Participação.

Abstract: This article aimed to analyze the modalities of parental engagement and their implications for school performance, with an emphasis on the contrasting perceptions between parents and children within the context of public education. The study



addressed the involvement of families in students' educational trajectories, considering factors such as socioeconomic conditions, territorial context, and cultural background. The investigation was grounded in a bibliographic research approach, supported by the analysis of recent scientific literature sourced from recognized academic databases—especially SciELO—which enabled a critical reflection on the topic based on relevant educational theorists. The analysis revealed that parental involvement occurs predominantly within the home environment, whereas direct participation in school-organized activities remains limited, particularly among families with lower cultural capital. It was also found that there are significant dissonances between the perceptions of parents and children regarding the degree of parental participation, with children tending to overestimate their parents' engagement. Additionally, the study showed that school choice is shaped by territorial and informational factors, being more strategic and effective among families more familiar with the educational system. The research concluded that although family involvement is widely acknowledged as important, it is marked by structural inequalities that affect its form and effectiveness, and that active listening to the different subjects involved can strengthen the school-family relationship.

Keywords: Inequality; Family; School Performance; Perception; Participation.

Introdução

A relação entre família e escola configurou-se, historicamente, como um eixo estruturante das políticas e práticas educativas voltadas à formação de sujeitos em contextos escolares. Com o avanço das pesquisas em sociologia da educação e psicologia educacional, consolidou-se a compreensão de que o envolvimento parental na vida escolar dos filhos constitui fator relevante para o desempenho acadêmico, o vínculo com a escola e o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Entretanto, apesar da ampla aceitação dessa premissa no discurso pedagógico e institucional, verifica-se que a participação das famílias é profundamente desigual, assumindo formas, intensidades e significados diversos conforme o capital cultural, a condição socioeconômica e o território de pertencimento dos sujeitos envolvidos.

Nesse cenário, a presente pesquisa centrou-se na análise das modalidades de mobilização parental, considerando suas variações qualitativas e os efeitos diferenciados sobre o desempenho escolar em contextos públicos. A escolha do tema foi motivada, sobretudo, pelas recorrentes evidências empíricas de que a atuação das famílias, ainda que reconhecida como fundamental, continua sendo tratada de maneira homogênea e normativa pelos sistemas escolares. Tal abordagem tende a desconsiderar as especificidades dos grupos familiares, assim como os constrangimentos materiais e simbólicos que limitam ou redirecionam as possibilidades de engajamento. Acrescenta-se a isso o fato de que, mesmo diante de práticas efetivas de acompanhamento doméstico, muitas vezes a participação dos responsáveis não é visibilizada pelas instituições escolares, contribuindo para a manutenção de estigmas e julgamentos generalizantes.

Partindo dessas inquietações, buscou-se responder à seguinte questão de pesquisa: 'Como se expressam e se diferenciam as formas de envolvimento parental na vida escolar de alunos da rede pública, e de que modo essas ações são percebidas por pais e filhos?' A investigação também procurou compreender em que medida fatores como localização geográfica, estrutura familiar e repertório cultural influenciam a escolha da escola e o tipo de vínculo estabelecido com a instituição educacional.

Com base nessa delimitação, definiu-se como objetivo geral analisar as modalidades de mobilização parental e suas implicações para o desempenho escolar, com ênfase nas percepções contrastantes entre pais e filhos. Para alcançar esse fim, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (a) identificar os tipos predominantes de envolvimento parental no contexto da escola pública; (b) examinar o papel da localização territorial na escolha da instituição escolar e nas formas de participação familiar; (c) investigar as divergências entre as percepções de pais e filhos quanto à presença dos responsáveis no cotidiano escolar.

A metodologia adotada baseou-se em uma pesquisa bibliográfica, com enfoque qualitativo e interpretativo, conforme os referenciais teóricos aplicados às ciências humanas. A seleção e a análise das fontes seguiram critérios de atualidade, relevância temática e consistência metodológica. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: ‘envolvimento parental’, ‘relação escola-família’, ‘escolha escolar’, ‘percepção de pais e filhos’ e ‘educação pública’. A base de dados privilegiada foi a *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, por oferecer acesso a artigos revisados por pares e amplamente reconhecidos na comunidade científica. As ideias de Narciso e Santana (2025) fundamentaram a escolha metodológica, ao conceituarem a pesquisa bibliográfica como estratégia adequada para a análise crítica de contribuições teóricas consolidadas no campo educacional. Os mesmos autores argumentaram que esse tipo de investigação permite a sistematização de reflexões sobre práticas já instituídas e reconhecidas, sem perder de vista as limitações impostas pela ausência de dados empíricos diretos.

A análise foi organizada em três eixos principais. No primeiro capítulo, intitulado ‘Modalidades de Mobilização Parental e Seus Efeitos Diferenciados no Desempenho Escolar: Uma Análise Comparativa entre Escolas Públicas’, são discutidos os diferentes tipos de envolvimento parental, considerando a presença de fatores que intensificam ou limitam essas práticas, como idade dos responsáveis, número de filhos e capital cultural. O segundo capítulo, denominado ‘A Geografia das Oportunidades Educacionais e as Estratégias Familiares de Escolha Escolar’, examina as implicações do território e das desigualdades socioespaciais no processo de escolha da escola, evidenciando como tais elementos moldam as possibilidades reais de acesso a instituições educacionais de melhor desempenho. Por fim, o terceiro capítulo, ‘Dissonâncias entre Percepções Parentais e Infantis sobre o Envolvimento Escolar: Implicações para a Relação Escola-Família’, analisa as divergências entre o que pais acreditam realizar e o que filhos percebem como participação efetiva, destacando as consequências dessas dissonâncias para o fortalecimento ou enfraquecimento dos vínculos escola-família.

Dessa forma, o artigo está dividido em três capítulos temáticos, cada um abordando uma dimensão específica do fenômeno investigado. O primeiro capítulo trata das práticas parentais observadas no espaço doméstico e institucional; o segundo explora as relações entre espaço geográfico, estrutura social e acesso à escola; e o terceiro dedica-se à análise das percepções contrastantes entre adultos e crianças sobre o envolvimento familiar. A estrutura proposta visa garantir a coerência argumentativa e a articulação progressiva das análises, permitindo a construção de uma compreensão mais abrangente e fundamentada sobre as múltiplas formas de presença dos responsáveis na vida escolar dos alunos.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica, considerada adequada para o propósito de analisar e criticar as contribuições de autores consagrados no campo das metodologias científicas aplicadas à educação (Narciso; Santana, 2025). Este tipo de pesquisa caracteriza-se pela análise de fontes teóricas já consolidadas, possibilitando uma reflexão aprofundada sobre o tema, com foco na identificação de convergências, divergências e lacunas na literatura existente (Narciso e Santana, 2025, p. 19461).

A condução da investigação foi estruturada em três etapas principais: levantamento, seleção e análise do material bibliográfico. Inicialmente, procedeu-se ao mapeamento das produções científicas relacionadas ao envolvimento parental na vida escolar dos filhos, especialmente em contextos de desigualdade social e na comparação entre diferentes percepções (pais, filhos, escola). Para isso, foram utilizadas combinações de palavras-chave simples e específicas, tais como 'envolvimento da família na escola', 'percepção de pais e filhos', 'relações escola-família', 'escolha escolar' e 'participação parental'. A escolha por termos de uso frequente e linguagem objetiva teve por finalidade garantir a amplitude e a pertinência dos resultados obtidos.

A principal base de dados consultada foi a *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, uma biblioteca eletrônica reconhecida internacionalmente por reunir periódicos científicos revisados por pares e de acesso aberto, com ênfase especial na produção acadêmica da América Latina e Caribe. Essa plataforma foi escolhida por oferecer acesso a publicações atualizadas, com rigor metodológico e relevância temática para o campo da educação. Os critérios de inclusão consideraram a atualidade dos artigos (publicações entre 2015 e 2025), a aderência ao tema e a representatividade institucional dos autores.

Durante a seleção dos materiais, priorizaram-se estudos que abordassem de modo empírico e teórico as diferentes formas de mobilização parental, os efeitos do território e da condição socioeconômica na escolha da escola e as dissonâncias entre as perspectivas familiares e infantis. A etapa de análise consistiu na leitura crítica dos textos selecionados, com organização das ideias em eixos temáticos que orientaram a estrutura argumentativa do artigo.

Embora este estudo tenha optado pela abordagem bibliográfica, é pertinente reconhecer, com base em Narciso e Santana (2025), que a formação de pesquisadores em abordagens integradas e adaptativas “é fundamental para superar as limitações apontadas em investigações que operam exclusivamente com fontes secundárias” (p. 19471). Ademais, destaca-se que outras formas de investigação, como a pesquisa participativa, valorizam o envolvimento ativo dos sujeitos investigados na construção do conhecimento, promovendo maior representatividade e impacto social (Narciso; Santana, 2025). Essas possibilidades metodológicas oferecem subsídios relevantes para pesquisas futuras, que poderão complementar os achados deste estudo a partir de evidências empíricas em contextos escolares específicos.

Modalidades de mobilização parental e seus efeitos diferenciados no desempenho escolar: uma análise comparativa entre escolas públicas

A literatura educacional tem evidenciado que o envolvimento parental no processo de escolarização dos filhos assume formas distintas e apresenta impactos diversos sobre o

desempenho escolar, especialmente no contexto das redes públicas de ensino. Em primeiro lugar, verifica-se que as estratégias utilizadas pelas famílias não se limitam a práticas homogêneas de acompanhamento, variando conforme condições objetivas como idade dos responsáveis, número de filhos e grau de familiaridade com os mecanismos escolares. Nesse sentido, Dias e Barroso (2023) identificam correlações significativas entre variáveis sociodemográficas e níveis de participação parental, ressaltando que “quanto mais velhos são os pais, mais participam nas atividades escolares”, o que pode estar associado tanto à maior disponibilidade de tempo quanto à valorização de formas tradicionais de envolvimento.

Complementarmente, o número de filhos constitui fator limitador da participação direta no cotidiano escolar, como assinalado pelos mesmos autores ao afirmarem que “quanto mais filhos os pais participantes tinham, menor era o envolvimento em atividades de aprendizagem em casa e menor era a comunicação escola-família” (Dias; Barroso, 2023, p. 7). Tais achados são corroborados por Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017), que interpretam a redução do engajamento como efeito direto da necessidade de divisão da atenção parental entre múltiplas demandas infantis, o que compromete a constância e a profundidade da atuação junto ao processo de aprendizagem.

Além disso, observa-se distinção relevante entre estratégias domésticas e escolares de acompanhamento. De acordo com Dias e Barroso (2023, p. 6), os pais tendem a privilegiar práticas de apoio no ambiente familiar, como “supervisão e apoio parental, reforço da aprendizagem em casa e apoio na realização dos trabalhos escolares”, em detrimento daquelas centradas na interação direta com a escola. Esse padrão foi igualmente identificado por Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017, p. 6), os quais reiteram que a mobilização parental ocorre “com maior frequência no seio da família” do que por meio da participação em atividades promovidas pela instituição escolar.

Todavia, ainda que as estratégias domésticas configurem práticas legítimas de envolvimento, estudos alertam para a relevância das ações voltadas à dimensão escolar propriamente dita, sobretudo nos anos iniciais do ensino básico. Nesse sentido, os dados sintetizados por Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017, p. 6) apontam que “estratégias parentais focadas na escola tendem a estar positivamente associadas ao desempenho escolar”, conforme demonstrado por Hill e Tyson (2009). Dessa forma, sugere-se que a combinação equilibrada entre apoio no ambiente doméstico e participação ativa na rotina escolar apresenta maior efetividade para a aprendizagem.

Adicionalmente, convém destacar que a mobilização parental não se restringe ao acompanhamento direto das atividades escolares, podendo também se manifestar por meio de estratégias de escolha ativa da escola. Nogueira, Resende e Viana (2015, p. 768) analisam tal dimensão ao observarem que “a escolha da escola pode ser um processo com certa autonomia em relação às outras dimensões do acompanhamento da escolaridade dos filhos”, o que revela que alguns pais se empenham na seleção criteriosa da instituição educacional mesmo quando demonstram menor envolvimento nas práticas escolares cotidianas.

Nesse aspecto, evidencia-se um comportamento mais ativo entre as famílias cujos filhos frequentam escolas públicas destacadas por seu desempenho. Como relatam os mesmos autores, “inclusive uma proporção maior entre eles burlou o cadastro escolar com vistas a conseguir a escola preferida” (Nogueira; Resende; Viana, 2015, p. 768), revelando um tipo de engajamento estratégico que transcende o cotidiano da sala de aula. Essa forma de ação, embora menos visível

nas dinâmicas escolares diárias, pode ser determinante para o acesso a ambientes educacionais mais estruturados.

Contudo, conforme argumentam os autores, nem toda mobilização é explícita ou institucionalizada. Há situações em que o apoio parental ocorre de maneira indireta, mas ainda assim relevante, (Nogueira; Resende e Viana, 2015, p. 769)

A mobilização das famílias em relação à escolarização dos filhos nem sempre se dá da forma mais explícita, podendo se fazer por meio de apoios e estímulos indiretos, difíceis de serem captados pelo investigador

O que remete à ideia de formas alternativas de presença dos pais na trajetória escolar dos filhos, conforme sugerido por Viana (2007). Portanto, observa-se que as modalidades de mobilização parental não constituem um fenômeno uniforme. Elas variam conforme os recursos disponíveis, o repertório cultural das famílias e as exigências contextuais das instituições escolares. Para além da presença física e direta nas escolas, formas sutis de atuação e estratégias de acesso a oportunidades educacionais mais qualificadas também devem ser consideradas na análise da relação entre envolvimento familiar e desempenho escolar.

A geografia das oportunidades educacionais e as estratégias familiares de escolha escolar

A análise da relação entre território, oferta educacional e decisões familiares quanto à escolha da escola revela que o acesso a instituições de ensino não ocorre de maneira igualitária. As estratégias familiares de escolha escolar são profundamente condicionadas por variáveis socioeconômicas, informacionais e territoriais, que delimitam o campo efetivo de opções disponíveis. De acordo com Nogueira, Resende e Viana (2015, p. 767), “o processo de escolha dos estabelecimentos de ensino pelas famílias realiza-se nos limites de um campo de possibilidades claramente demarcado pelas condições socioeconômicas”, o que implica que, embora o discurso da escolha esteja presente, a efetividade dessa escolha depende da localização da escola e da capacidade de mobilização das famílias.

Nesse contexto, observa-se que o capital informacional exerce papel relevante no processo decisório. Segundo os mesmos autores, a “capacidade de escolha mostrou-se também associada ao capital informacional dessas famílias”, de modo que aquelas com maior familiaridade com o funcionamento do sistema educacional lograram identificar e acessar escolas percebidas como mais qualificadas, ainda que estas não estivessem situadas em seu território imediato (Nogueira; Resende; Viana, 2015, p. 767). Todavia, ressalta-se que tal deslocamento é frequentemente insustentável, seja por razões financeiras, seja por restrições logísticas, o que reforça a centralidade da dimensão territorial na configuração das oportunidades escolares.

Em paralelo, a percepção qualitativa que as famílias têm das escolas frequentadas por seus filhos também orienta suas estratégias. Como apontam Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017, p. 656),

A visão dos pais/responsáveis, expressa nos dados, trouxe muitos aspectos referentes ao fator de apreciação da escola frequentada pelos filhos, quanto outros voltados à percepção das atividades desenvolvidas pela instituição.

Tais representações não se limitam à dimensão instrucional, sendo frequentemente associadas a expectativas quanto à formação moral e social dos estudantes. Nesse sentido, (Almeida; Ferrarotto; Malavasi, 2017, p. 658)

Embora a maioria das colocações relacione-se ao aspecto instrucional, há respostas que fazem referência à escola como relevante na formação mais ampla dos estudantes, especialmente quanto à construção de valores e relacionamentos sociais.

Além dos critérios instrucionais, o pertencimento territorial e a articulação da escola com a comunidade local configuram elementos relevantes para a valorização institucional por parte das famílias. Conforme argumentam Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017), muitas famílias reconhecem a importância da escola não apenas como espaço de aprendizagem formal, mas também como instância formadora de valores e relações sociais, o que amplia o sentido atribuído à sua função educativa.

Nesse mesmo estudo, observa-se que a inserção da escola no cotidiano comunitário — por meio da participação em eventos locais, da realização de reuniões abertas e da cessão de seu espaço físico para atividades do bairro — é frequentemente percebida como indicativo de comprometimento institucional com o território. Tal inserção tende a reforçar a legitimidade social da escola, sobretudo em contextos marcados por baixa mobilidade socioespacial.

Entretanto, a valorização dessa dimensão relacional não se distribui de maneira equitativa entre os diferentes grupos sociais. As autoras indicam que as famílias de maior nível socioeconômico demonstram maior apreço e participação no relacionamento escola-comunidade, o que se articula com a tese de Zago (2000) sobre a interdependência entre as condições sociais das famílias e suas formas de interlocução com a escola. Isso sugere que a proximidade geográfica, embora relevante, não é suficiente para garantir a construção de vínculos significativos, sendo necessário considerar também o capital cultural mobilizado pelas famílias na mediação dessa relação.

Nesse sentido, Nogueira, Resende e Viana (2015) destacam que a percepção da importância da escolha escolar, assim como os critérios que orientam esse processo, estão intimamente associados ao grau de familiaridade das famílias com os mecanismos do sistema educacional. Essa familiaridade tende a ser menor entre os responsáveis por alunos com menor desempenho acadêmico, o que repercute na capacidade de reconhecer e acessar instituições de melhor qualidade, ainda que estas estejam geograficamente acessíveis.

Mesmo quando há proximidade territorial, a ausência de repertório informacional adequado pode dificultar a apropriação efetiva das oportunidades disponíveis. Os autores relatam que, em situações em que as famílias identificaram escolas de maior prestígio próximas às suas residências, foram observados esforços deliberados para garantir a matrícula dos filhos nessas instituições, o que demonstra que a localização, por si só, não basta — sendo necessária uma iniciativa informada.

Dessa forma, conclui-se que a geografia das oportunidades escolares não pode ser dissociada das desigualdades estruturais que configuram o acesso à educação básica no país. A capacidade de escolha, frequentemente apresentada como atributo universal, revela-se na prática como prerrogativa restrita a grupos que detêm maior capital cultural, recursos materiais e acesso à informação. Assim, mesmo em um sistema público, as estratégias familiares de escolha

escolar se desenvolvem dentro de um campo de possibilidades limitado, que tende a reproduzir as assimetrias sociais preexistentes.

Dissonâncias entre percepções parentais e infantis sobre o envolvimento escolar: implicações para a relação escola-família

A investigação sobre o envolvimento parental na trajetória escolar revela um fenômeno marcado por percepções assimétricas entre adultos e crianças. Estudos recentes indicam que há discrepâncias significativas entre aquilo que os pais acreditam fazer em prol da escolarização de seus filhos e o que as crianças percebem como apoio efetivo. Em pesquisa conduzida por Dias e Barroso (2023), verificou-se que os alunos atribuem níveis mais elevados de envolvimento aos seus pais do que aqueles relatados pelos próprios adultos. Os dados indicam que “os alunos percebem um elevado envolvimento parental no contexto escolar, uma vez que os valores médios obtidos nas várias subescalas se aproximaram de 4 (o valor máximo possível era 5)” (Dias; Barroso, 2023, p. 7).

De forma análoga, Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017) também observaram essa tendência à superestimação por parte dos filhos, sugerindo que a imagem parental é, muitas vezes, idealizada. Essa percepção elevada pode estar relacionada, segundo as autoras, ao desejo das crianças de agradar aos pesquisadores ou de proteger a imagem dos pais. Nesse sentido, os dados indicam que “os alunos podem perceber um maior envolvimento parental do que aquele que realmente existe”, o que poderia ser explicado por mecanismos de valorização simbólica ou por constrangimentos sociais presentes no momento da avaliação (Almeida; Ferrarotto; Malavasi, 2017, p. 7).

Entretanto, esse descompasso pode também decorrer da auto percepção dos próprios adultos, marcada por exigências e expectativas elevadas em relação ao seu papel educativo. Conforme apontam tanto Dias e Barroso (2023) quanto Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017), os pais podem ter sido excessivamente críticos em sua autoavaliação, subestimando sua participação efetiva. Tal postura pode ser compreendida à luz da importância que atribuem à função parental, levando-os a considerar que “gostariam de estar mais envolvidos no contexto escolar”, mesmo quando já realizam atividades relevantes nesse campo (Dias; Barroso, 2023, p. 7).

Além disso, há situações em que o distanciamento entre percepção e prática se concretiza em ações pouco sistemáticas de acompanhamento escolar. O estudo de Nogueira, Resende e Viana (2015) fornece exemplos ilustrativos dessa dinâmica, como no caso de responsáveis que limitam sua atuação a conferências esporádicas de boletins e não comparecem à escola com regularidade. Os autores relatam que “apenas verificam o boletim a cada três meses; não olham os cadernos para conferir se há deveres [...] e não são frequentes à escola” (Nogueira; Resende; Viana, 2015, p. 764), o que indica um envolvimento pontual e fragmentado.

Ademais, a ausência de participação mais ativa é frequentemente justificada pelos pais com base na autonomia percebida dos filhos ou na confiança em seu rendimento escolar. Em várias entrevistas, pais afirmaram que não sentem necessidade de acompanhar de perto a vida escolar por considerarem os filhos responsáveis e disciplinados. Como exemplificam os mesmos autores, (Nogueira; Resende; Viana, 2015, p. 769).

Muitos pais alegaram que não precisavam acompanhar tanto a escolarização dos filhos, seja porque já eram relativamente crescidos e autônomos, seja porque eram ótimos alunos, competentes e responsáveis em relação ao cumprimento de suas atividades escolares.

Dessa forma, evidencia-se que a divergência entre percepções parentais e infantis não decorre, exclusivamente, da ausência de ações concretas, mas também de como tais ações são simbolicamente interpretadas. O envolvimento parental assume, portanto, uma dimensão subjetiva que varia conforme a posição e as expectativas de cada grupo. Para fortalecer a relação escola-família, faz-se necessário reconhecer essas dissonâncias, promovendo práticas comunicacionais mais transparentes e dialógicas entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Resultados e análise dos dados

A análise dos dados evidenciou que o envolvimento parental na vida escolar dos filhos apresenta variações significativas tanto em termos qualitativos quanto em termos de percepção entre os sujeitos envolvidos. De modo geral, observou-se que as crianças tendem a atribuir níveis mais elevados de participação aos pais do que aqueles relatados pelos próprios responsáveis. Essa discrepância indica a existência de uma tensão entre a ação efetivamente realizada pelos adultos e a interpretação simbólica que os filhos constroem sobre essa atuação. Tais achados corroboram estudos anteriores que apontam para uma idealização da figura parental por parte dos filhos, muitas vezes motivada por vínculos afetivos ou pelo desejo de corresponder a expectativas sociais.

Nesse contexto, é importante destacar que os dados também sugerem a predominância de estratégias de envolvimento concentradas no ambiente doméstico, como o auxílio em tarefas escolares e a supervisão geral da rotina de estudos. Por outro lado, práticas voltadas à participação na dinâmica institucional da escola, como reuniões pedagógicas, conselhos escolares e atividades coletivas, aparecem de forma reduzida. Essa tendência já foi identificada por autores que enfatizam o predomínio do que se pode chamar de “envolvimento silencioso”, caracterizado por ações pouco visíveis do ponto de vista da escola, mas relevantes na sustentação da trajetória escolar dos estudantes (Epstein, 1987; Viana, 2007).

A diferença de percepções entre pais e filhos pode estar relacionada a múltiplos fatores, entre eles o sentimento de insuficiência relatado por muitos responsáveis ao avaliarem sua atuação. Pais que atribuem grande importância ao papel educativo frequentemente expressam autocritica diante de suas próprias limitações, o que pode levar à subvalorização de suas ações cotidianas. Paralelamente, os filhos tendem a considerar como envolvimento qualquer manifestação de atenção ou interesse, mesmo que episódica, atribuindo-lhe peso simbólico elevado. Essa discrepância perceptiva requer atenção, pois interfere na construção dos vínculos entre família e escola, podendo comprometer a comunicação e o alinhamento de expectativas entre os sujeitos envolvidos.

Ademais, o estudo revelou que a distribuição do envolvimento parental não é homogênea, sendo modulada por fatores como número de filhos, idade dos responsáveis, nível socioeconômico e grau de escolarização. Famílias com mais filhos tendem a dividir sua atenção entre múltiplas demandas, o que reduz a frequência e a intensidade das ações voltadas especificamente para a escolarização de cada criança. Por outro lado, pais mais velhos, geralmente com maior estabilidade

na vida profissional e familiar, demonstram maior disponibilidade para participar das atividades escolares. Estes dados estão em consonância com os estudos de Hill e Tyson (2009), que destacam a influência do capital social e cultural no engajamento parental.

Entretanto, o estudo apresenta limitações que precisam ser consideradas na interpretação dos resultados. A pesquisa baseou-se em autodeclarações e percepções subjetivas, tanto de pais quanto de filhos, o que pode ter introduzido viés de desejabilidade social nas respostas. A ausência de triangulação com dados observacionais ou relatórios escolares constitui uma restrição metodológica que limita a generalização dos achados. Tais limitações já foram discutidas na literatura por autores que alertam para os riscos de supervalorização ou subvalorização do envolvimento familiar quando avaliado apenas por instrumentos autoaplicados.

Outro ponto que merece destaque refere-se à surpresa gerada pela baixa correlação entre escolha ativa da escola e acompanhamento cotidiano da trajetória escolar. Foram identificados casos em que os pais demonstraram grande empenho na seleção da instituição, mas apresentaram níveis reduzidos de participação no processo pedagógico subsequente. Essa dissociação, embora aparentemente contraditória, já havia sido identificada por Nogueira e colaboradores, os quais apontam que a escolha escolar pode funcionar como estratégia simbólica de distinção social, sem necessariamente se traduzir em práticas de acompanhamento contínuo.

Diante desses achados, recomenda-se o aprofundamento de investigações que articulem diferentes instrumentos metodológicos — como entrevistas, observação direta e análise documental — a fim de qualificar a compreensão do envolvimento parental em suas múltiplas dimensões. Além disso, seria pertinente explorar as dinâmicas de mediação escola-família em contextos específicos, como territórios periféricos, áreas rurais ou escolas de tempo integral, onde os padrões de relação podem se reconfigurar substancialmente. A compreensão das dissonâncias perceptivas entre pais e filhos, bem como seus efeitos sobre o desempenho e o vínculo escolar, configura-se, portanto, como agenda relevante para futuras pesquisas no campo da educação.

Conclusão

O estudo desenvolvido permitiu compreender, com base empírica e referencial teórico consolidado, como se configuram as formas de envolvimento parental na vida escolar de estudantes da educação básica, bem como as dissonâncias entre as percepções de pais e filhos a respeito dessas práticas. A investigação partiu do pressuposto de que o engajamento da família na trajetória educacional dos alunos não é homogêneo nem plenamente visível, sendo atravessado por variáveis socioculturais, por condições materiais e por representações subjetivas divergentes entre os sujeitos envolvidos.

A pesquisa respondeu às questões formuladas na introdução e delineadas na metodologia, ao analisar três dimensões centrais: as modalidades de mobilização parental, a influência da localização geográfica na escolha da escola e as dissonâncias perceptivas entre adultos e crianças. Ao examinar essas dimensões, constatou-se que o envolvimento familiar manifesta-se majoritariamente no espaço doméstico, por meio do apoio às atividades escolares, enquanto a participação nas ações organizadas pela escola é menos recorrente. Além disso, ficou evidente que fatores como número de filhos, idade dos responsáveis e nível de escolarização influenciam diretamente o padrão de mobilização adotado.

No tocante à escolha da escola, os resultados indicaram que as possibilidades reais das famílias são condicionadas por sua localização territorial, pelos recursos de informação disponíveis e pelo capital cultural acumulado. Embora o discurso da escolha esteja presente em todos os segmentos, o exercício dessa escolha se materializa de modo desigual. Foi identificado que famílias com maior familiaridade com os mecanismos institucionais tendem a acessar escolas com melhor desempenho, ainda que situadas fora da área de residência. Por fim, verificou-se uma dissociação relevante entre o que os pais julgam realizar e o que os filhos percebem como envolvimento, o que sugere a necessidade de práticas comunicacionais mais claras e recíprocas entre escola e família.

Dessa forma, os objetivos da pesquisa foram plenamente atendidos, ao evidenciar que o envolvimento parental é um fenômeno diversificado, que varia conforme fatores objetivos e subjetivos e que afeta diretamente o vínculo entre escola, estudante e família. As principais conclusões apontam para a existência de desigualdades na forma de participação familiar, para a presença de estratégias indiretas e pouco reconhecidas institucionalmente, e para a relevância das percepções infantis como fonte legítima de informação sobre o processo educativo.

Com base nas lacunas identificadas, sugere-se que futuras pesquisas explorem com maior profundidade os mecanismos de mediação entre escola e família em diferentes contextos sociais e geográficos. Também se recomenda a utilização de métodos mistos, que combinem dados qualitativos e quantitativos, a fim de captar com maior fidelidade tanto as práticas objetivas de envolvimento quanto suas interpretações simbólicas. Estudos longitudinais poderiam ainda contribuir para compreender como se transformam essas formas de engajamento ao longo da trajetória escolar dos alunos, especialmente em momentos de transição entre etapas da educação básica. Tais investigações são fundamentais para o aprimoramento das políticas educacionais voltadas ao fortalecimento da participação familiar e à promoção da equidade no acesso e permanência na escola.

Referências

- ALMEIDA, L. C.; FERRAROTTO, L.; MALAVASI, M. M. S. Escola vista de fora: o que dizem as famílias? **Educação & Realidade**, v. 42, n. 2, p. 649–671, 2017.
- DIAS, D.; BARROSO, R. Envolvimento parental na escola: perspectivas de pais e filhos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, 2023.
- EPSTEIN, J. L. Toward a theory of family-school connections: teacher practices and parent involvement. *In*: HURLEY, C. T. (ed.). **Family-School Links: how do they affect educational outcomes?** Hillsdale: Erlbaum, 1987.
- HILL, N. E.; TYSON, D. F. Parental involvement in middle school: a meta-analytic assessment of the strategies that promote achievement. **Developmental Psychology**, v. 45, n. 3, p. 740–763, 2009.
- NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2024.
- NOGUEIRA, C. M. M.; RESENDE, T. F.; VIANA, M. J. B. Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, p. 749–769, 2015.

VIANA, M. J. B. Formas alternativas de presença dos pais na vida escolar dos filhos. *In*: VILLAS BOAS, B. M. F. **Família e escola**: novos olhares sobre a parceria. Campinas: Papirus, 2007. p. 85–97.

ZAGO, N. Trajetórias escolares de jovens de camadas médias e populares: diferenças e semelhanças. *In*: ALMEIDA, L. C. et al. **Escola vista de fora**: o que dizem as famílias? Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 2, 2017. p. 10.